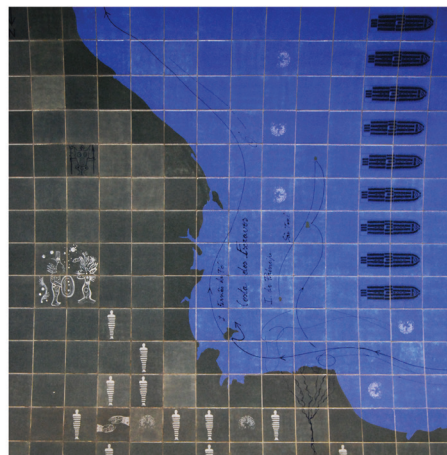


PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 8 - 2019



Editorial

Comemorações dos “descobrimentos portugueses”

Elisa Lopes da Silva e José Ferreira

Práticas da História, n.º 8 (2019): 7-15

www.praticasdahistoria.pt

Editorial

Comemorações dos “descobrimentos portugueses”

Elisa Lopes da Silva* e José Ferreira**

Logo em 2016, pouco depois de editarmos o primeiro número desta revista, pensámos em fazer um *dossier* sobre o ciclo comemorativo dos “descobrimentos portugueses” ocorrido em finais do século XX. Muitos de nós, hoje historiadores, tinham sido educados durante esse longo ciclo comemorativo: materiais escolares e investigação académica, programas de televisão e produções artísticas, e mesmo a própria cidade de Lisboa, foram meios comemorativos em grande medida patrocinados pelo Estado português, nomeadamente através da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses (em funções desde 1986 até 2002).

No início de 2018, vinte anos passados da Expo‘98 realizada na capital portuguesa, decidimos organizar um *dossier* em que se pudesse fazer um balanço crítico das políticas de comemoração dos ditos “descobrimentos portugueses”, e assim começar a entender que histórias foram então contadas. Queríamos perceber os vários discursos comemorativos, bem como os contra-discursos e as polémicas. Sobretudo, interessava-nos entender como é que os acontecimentos históricos alvo de iniciativas comemorativas – da viagem marítima chefiada por Vasco da Gama até à Índia à chegada da frota comandada por Pêro Álvares

* Elisa Lopes da Silva (elisa.silva@ics.ul.pt). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Prof. Aníbal Bettencourt, n.º 9, 1600-189 Lisboa, Portugal.

** José Ferreira (jose.mouraferrera1988@gmail.com). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Prof. Aníbal Bettencourt, n.º 9, 1600-189 Lisboa, Portugal.

Cabral ao Brasil –, bem como as próprias comemorações nacionais portuguesas, foram interpretados noutros contextos nacionais, particularmente nos países que tinham feito parte do império português. Procurámos, assim, deslocar a discussão historiográfica da antiga metrópole.

Como forma de organização do *dossier*, lançámos na Primavera de 2018 uma chamada para trabalhos para o seminário “*Descobrimentos*”: *Políticas, Memória, Historiografia*¹. Pela mesma altura, deu-se uma polémica sobre um hipotético “Museu das Descobertas” que trouxe para o debate público a reflexão historiográfica sobre aquele período, começando pelo modo de o denominar. Discutir a narrativa da história nacional e o lugar da história da expansão marítima portuguesa nesta passou a estar na ordem do dia e esperamos que este nosso empreendimento possa de alguma forma contribuir para esse debate público e historiográfico. Permitirá, em primeiro lugar, desfazer de alguma forma o equívoco de que a história está feita de uma vez para sempre, salientando que ela é sempre refeita com os olhos de um presente cujos projetos comemorativos são a expressão mais visível. E escapar, portanto, à naturalidade de uma história que, uma vez contada, está sempre pronta a ser comemorada. Em segundo lugar, e talvez mais importante, ao deslocar o centro das comemorações dos “descobrimentos” da metrópole portuguesa e da narrativa da história nacional permite-se, assim, pensar e desnaturalizar quem é o “nós” que comemora hoje a história de Portugal, quando as heranças de um país imperial se refletem na população que o habita; quem é o “nós” que comemora, quando pensamos também nos herdeiros das populações das regiões americanas, africanas e asiáticas afectadas pela expansão portuguesa.

As comunicações que nos chegaram permitiram alargar o âmbito cronológico da nossa proposta e inserir as comemorações dos “descobrimentos portugueses” em finais do século XX numa categoria historiográfica de longa duração que, neste caso, fizemos remontar a 1898.

O *dossier* abre com um artigo da autoria de Marcos Cardão que percorre o programa televisivo “A Grande Aventura”, protagonizado pelo historiador e divulgador José Hermano Saraiva, para estudar a

1 O seminário decorreu a 21 de junho de 2018, na NOVA-FCSH, em Lisboa.

mediatização da temática dos “descobrimientos portugueses” no Portugal democrático e pós-colonial. Por aqui se entende como uma retórica realista, apoiada por dispositivos formais audiovisuais, construiu narrativas lineares centradas nos feitos de grandes homens que se cristalizaram em memória histórica e assim ajudaram a naturalizar a benignidade imperial. A problematização da representação visual dos “Descobrimientos” prossegue no texto seguinte, centrando-se agora na forma como a visibilidade veiculou também contestações e alteridades desta noção historiográfica. Iara Schiavinatto, deslocando o olhar da metrópole colonial, aborda o tema da escravidão na formação da categoria de arte afro-brasileira, a partir de um ciclo de exposições apresentadas entre 1990 e 2000, em Portugal e no Brasil. Tal ciclo permitiu inscrever a escravidão numa política da memória e, segundo a autora, refutar visualmente as narrativas do luso-tropicalismo e da democracia racial.

O *dossier* conta ainda com dois textos que levam a comemoração dos descobrimientos a outras geografias e temporalidades. O texto de Stefan Halikowski-Smith e Benjamin Jennings permite olhar para a forma como os “descobrimientos portugueses” foram comemorados internacionalmente numa altura em que a descolonização portuguesa estava em debate nesta arena. Este terceiro texto do nosso *dossier* analisa, a partir de iniciativas militares, diplomáticas e académicas, em particular uma exposição no Museu Britânico a propósito do quinto centenário da morte do infante D. Henrique, em 1960, o modo como as comemorações dos “descobrimientos portugueses” promoveram formas de diplomacia cultural e trocas académicas anglo-portuguesas num contexto de progressiva deterioração da relação entre estes dois países. Recuando ainda no tempo das comemorações, o último artigo do *dossier*, de autoria de Jaime Rodrigues, detém-se no texto de uma conferência de história marítima proferida em 1898 pelo historiador e oficial de marinha Vicente de Almeida d’Eça, a propósito do quarto centenário da viagem da Gama. Este texto permite situar a construção de um discurso historiográfico sobre a figura do marinheiro na cultura histórica portuguesa, intimamente ligado à emergência de um ciclo comemorativo no final do século XIX.

Já fora do *dossier*, mas procurando contextualizar as comemorações dos “descobrimientos portugueses”, publicamos ainda um artigo que retoma o caminho da capital do império para pensar a memória colonial produzida pelo Estado português. Nuno Domingos analisou como Eusébio da Silva Ferreira, considerado o maior futebolista africano, nascido em Moçambique e celebrado em Portugal, se tornou um herói nacional neste país e conheceu, após a sua morte em 2014, um processo de patrimonialização que levou o seu corpo ao Panteão Nacional, em Lisboa.

De forma a multiplicar as narrativas historiográficas que desestabilizem os pressupostos que ergueram e suportaram as comemorações dos “descobrimientos portugueses”, publicamos ainda uma entrevista conduzida por Bárbara Direito e Elisa Lopes da Silva a uma pioneira da história de África em Portugal, Isabel Castro Henriques. A propósito da sua longa carreira, conversámos sobre as peripécias, desencontros e combates durante a institucionalização da disciplina de História de África numa academia ainda dominada pela história dos descobrimentos e da expansão. Para finalizar, publicamos um breve ensaio de Diogo Ramada Curto, que procura situar e definir o peso do tema da escravatura na parte da obra do historiador Vitorino Magalhães Godinho dedicada à expansão e à construção de um império colonial, encontrando formas mais complexas e integradoras de abordar os “descobrimientos portugueses”.

As palavras finais deste editorial foram reservadas para, de forma breve, homenagear António Manuel Hespanha, recentemente falecido. Membro do Conselho Científico da nossa revista e uma referência intelectual para todos nós, foi o historiador escolhido para apresentar o primeiro número da *Práticas da História*. O testemunho que publicamos resulta do texto por si enviado à nossa revista por ocasião da sua participação no seminário que deu origem ao *dossier* deste número. O seu testemunho enquanto comissário da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses (1997-2000) oferece-nos não só um balanço daquele ciclo comemorativo, mas uma oportunidade de abrir caminho a um debate sobre a possibilidade de realizar

comemorações que se baseiem numa história crítica que questiona os fundamentos do seu fazer. Nas suas palavras:

“[A]o dedicar-se à descrição das múltiplas formas de «pulverização» da Verdade, da Moral, da Consciência, do Homem, o historiador está a descrever-se a si mesmo e ao seu discurso como feridos por esse mesmo estilhaçamento e, com isto, a recusar qualquer cientismo ou essencialismo e a pôr automaticamente em discussão tudo quanto diga. Para além de que, ao pôr a nu tal estilhaçamento, está a abrir espaço para novas alternativas de organização social, política e cultural”².

Editorial

Celebrations of the “Portuguese Discoveries”

As early as 2016, shortly after publishing the first issue of this journal, we thought of making a dossier about the commemorative cycle of the “Portuguese discoveries” that took place in the late twentieth century. Many of us, historians today, had been educated during this long commemorative cycle: school materials and academic research, television programs and artistic productions, and even the city of Lisbon itself, were forms of commemoration largely sponsored by the Portuguese state, notably through of the National Commission for the Commemoration of the Portuguese Discoveries (in office from 1986 to 2002).

In early 2018, twenty years after the Expo ‘98 held in the Portuguese capital, we decided to organize a dossier in which we could critically review the policies to commemorate the so-called “Portuguese discoveries”, and thus begin to understand which stories had been told.

² António Manuel Hespanha, “A emergência da História”, *Penélope. Fazer e desfazer a história* 5 (1991): 20.

We wanted to understand the various commemorative discourses, as well as the counter-discourses and controversies. Above all, we were interested in understanding how the historical events targeted by the commemorative initiatives – from Vasco da Gama’s sea voyage to India to the arrival of Pêro Alvares Cabral’s fleet in Brazil – as well as the Portuguese celebrations themselves had been interpreted in other national contexts, particularly in countries that had been part of the Portuguese empire. We would thus displace the historiographical discussion from the former metropole.

As a way of organizing the dossier, we launched in the spring 2018 a call for papers for the seminar “*Discoveries*” *Politics, Memory, Historiography*³. At that time, there was a controversy about a hypothetical «Museum of Discoveries» that brought to the public debate the historiographical reflection on that period, starting with the very way to name it. The main narrative of Portugal’s history and the place of the history of the Portuguese maritime expansion in it have become the object of lively public discussion and we hope that this venture of ours can somehow contribute to this debate, both public and historiographic in its troubled relations. First, this will somehow dispel the misconception that once history is written it is forever set in stone, stressing instead that history is constantly being reconceived with the eyes of a present of which commemorative projects are the most visible expression. It will thus help us escape the naturalization of a type of history that, once told, is always ready to be celebrated. Secondly, and perhaps more importantly, by shifting the center of the commemorations of the “discoveries” from the Portuguese metropole and the narrative of national history, this dossier allows us to consider and denaturalize who is the “we” who commemorates the history of Portugal today, when the inheritance of an imperial country is reflected in its population; who is the “we” that celebrates, when we think also of the descendants of the populations of the American, African and Asian regions affected by the Portuguese expansion.

³ The seminar took place on June 21, 2018, at NOVA-FCSH, in Lisbon.

The papers that we received allowed us to broaden the chronological scope of our proposal and to insert the commemorations of the “Portuguese discoveries” at the end of the twentieth century into a long-term historiographical category which, in this case, dates back to 1898.

The dossier opens with an article by Marcos Cardão addressing the television program “A grande aventura” [The great adventure], starring public historian José Hermano Saraiva, in order to study the mediatization of the topic of “Portuguese discoveries” in democratic and postcolonial Portugal. Through his analysis, Cardão shows how a realistic rhetoric, supported by formal audiovisual devices, constructed linear narratives centered on the achievements of great men that crystallized historical memory and thus helped to naturalize imperial benevolence. The problematization of the visual representation of the “Discoveries” continues in the following text, focusing on how visibility has also conveyed disputes and alterities of that historiographic category. Iara Schiavinatto, displacing the gaze from the colonial metropole, approaches the theme of slavery in the formation of the Afro-Brazilian art category, in a cycle of exhibitions that took place between 1990 and 2000, in Portugal and Brazil. This cycle made it possible to inscribe slavery in a politics of memory and, according to the author, to visually refute the narratives of luso-tropicalism and racial democracy.

The dossier also has two texts that take the commemoration of the “discoveries” to other geographies and temporalities. Stefan Halikowski-Smith and Benjamin Jennings allow us to look at how the “Portuguese discoveries” were celebrated internationally at a time when Portuguese decolonization was under debate in this arena. This third text of our dossier analyzes, through military, diplomatic and academic initiatives, in particular a 1960 exhibition at the British Museum on the 5th Centenary of the death of Prince Henry, how the commemorations of “Portuguese discoveries” promoted forms of cultural diplomacy and Anglo-Portuguese academic exchanges in a context of progressive deterioration of the relationship between Portugal and the United Kingdom. Going further back, to the time of the celebrations of the fourth centenary of Vasco da Gama’s voyage, the last article of the

dossier, written by Jaime Rodrigues, focuses on a 1898 text of maritime history to draw conclusions about the figure of the sailor in Portuguese historical culture.

Outside the dossier, but seeking to contextualize the commemorations of the “Portuguese discoveries”, we also publish an article that returns to the empire’s capital to think about the colonial memory produced by the Portuguese state. Nuno Domingos analyzes how Eusébio da Silva Ferreira, considered the greatest African football player, born in Mozambique and celebrated in Portugal, became a national hero in the latter country and, after his death in 2014, experienced a process of patrimonialization that led his body to the National Pantheon in Lisbon.

In order to multiply the historiographical narratives that destabilize the assumptions that ushered and supported the commemoration of the “Portuguese discoveries”, we also publish an interview conducted by Barbara Direito and Elisa Lopes da Silva to a pioneer of African history in Portugal, Isabel Castro Henriques. Following her long career, we talked about the disagreements and struggles during the institutionalization of the History of Africa discipline in an academy still dominated by the history of discoveries and expansion. Finally, we publish a brief essay by Diogo Ramada Curto, in which he situates and defines the weight of the theme of slavery in the part of the work of historian Vitorino Magalhães Godinho concerning the expansion and construction of the colonial empire, finding complex and integrative approaches to the “Portuguese discoveries”.

The final words of this editorial were reserved to briefly honor the recently deceased António Manuel Hespanha. Member of the Scientific Board of our journal, an intellectual reference for all of us, Hespanha was the historian chosen to present the first issue of *Práticas da História*. The testimony we publish results from the text he sent to our journal on the occasion of his participation in the seminar that gave rise to this issue. His testimony as Commissioner of the National Commission for the Commemoration of the Portuguese Discoveries (1997-2000) offers us not only a review of that commemorative cycle, but also an opportunity to pave the way for a debate on the possibility

of holding celebrations based on a critical history that questions the foundations of its doing. In his words:

“By devoting himself to describing the multiple forms of “pulverization” of Truth, Morality, Consciousness, Man, the historian is describing himself and his discourse as wounded by the same splintering and thereby refusing any scientism or essentialism and automatically questioning whatever he writes. Furthermore, by exposing such a shattering, he opens the door to new alternatives for social, political and cultural organization.”⁴

⁴ António Manuel Hespanha, “A emergência da História”, *Penélope. Fazer e desfazer a história* 5 (1991): 20.